

A CONSCIÊNCIA SITUACIONAL OBTIDA PELA INTELIGÊNCIA MILITAR NAS OPERAÇÕES COMBINADAS BRASIL-EUA





**Gustavo Fávero
Prietto dos Santos**

Capitão PM do Quadro de Oficiais do Estado-Maior da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Bacharel em Ciências Militares pela Academia de Polícia Militar da Brigada Militar (RS). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (linha de pesquisa em Política Internacional e Defesa). Possui o Curso Intermediário de Inteligência.

TC Daniel Paschoal Zanini

Orientador

1. INTRODUÇÃO

A realidade posta indica que a guerra seguirá sendo um fenômeno humano, político e social tal qual tem sido desde os primórdios da civilização humana marcada pela violência intraespecífica (GAT, 2006). Por isso, a capacidade das forças armadas de países ao redor do globo no sentido de buscar a concretização da efetividade militar (no conceito trazido por BROOKS; STANLEY, 2007) se mostra como elemento fundamental da sobrevivência soberana dos países, todos submersos em um mar de incertezas condicionadas pelo anarquismo da *realpolitik* global.

Como Brasil a revelar alto valor estratégico para a defesa aproximada e afastada do território americano (MEIRA MATTOS, 2011, p. 45), muito provavelmente uma escalada das tensões globais não deixará de afetar a segurança do país no contexto internacional.¹ Se em função disso a coalisão de forças imperativa para a sobrevivência política da nação brasileira desvela alto grau de probabilidade, é corolário que se destaque a pertinência de haver uma adequação doutrinária entre as Forças Armadas de Brasil e EUA a fim de garantir

¹ Sob um prisma analítico brasileiro, há muito Meira Mattos preconizou que a defesa do continente americano na condição de bastião da democracia ocidental subdivide-se na manutenção do Atlântico Sul enquanto área vital (cuja importância está na ponte Natal-Dacar, o estreito do Atlântico) e na preservação da linha de comunicação naval do Canal do Panamá (cuja proteção pressupõe a projeção de poder brasileiro a partir do Norte e do Nordeste do país). Destarte, em perspectiva política internacional, a boa saúde das expressões do poder nacional brasileiro diz respeito à segurança e estratégia globais do ocidente como um todo (MEIRA MATTOS, 2011a, p. 43-45 e 59). Ainda, no sentido de que o Brasil é um ponto de grande relevância para os EUA no século corrente: PETERS, 2001, p. 72.



interoperabilidade e efetividade na condução de operações combinadas.²

Destarte, dentre as possibilidades e com o fim de realizara verificação de compatibilidade entre as doutrinas militares dos dois países considerados, a pesquisa se debruçou sobre tópicos atinentes à Função de Combate Inteligência (F Cmb Intlg). Nesse sentido, o artigo se propõe a comparar o Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civas (PITCIC) brasileiro e o *Intelligence Preparation of the Battlefield* (em tradução livre, levantamento de Inteligência do campo de batalha – no acrônimo em inglês, IPB) americano.

Em apertada análise, os processos vocacionados à obtenção da consciência situacional necessária aos decisores são formalmente similares. Contudo, um aspecto especialmente sensível há muito debatido no meio acadêmico dos EUA suscitou o interesse científico em estressar os métodos naquilo que se entende mais agudo em termos de esforço por parte da Inteligência Militar Terrestre. No metamórfico e complexo ambiente urbano, seara fértil do hodierno hibridismo combatente, estarão o PITCIC e o IPB em perfeita sintonia entre si e para com os respectivos comandos?

2. DO CARÁTER DA GUERRA MODERNA

Sozinha, a Inteligência não é o apanágio da vitória, mas sim o instrumento motriz da força, esta última requisito elementar para que qualquer guerra possa ser ganha

(KEEGAN, 2006, p. 410). Pois é justamente aí que reside a virtude da atividade da Inteligência Militar: a guerra encontra-se em um ponto futuro indeterminado; contra um adversário por vezes ainda não identificado; situada no campo de uma violência brutal de difícil reprodução em treinamento; envolvendo uma série de tecnologias aplicáveis de formas diversas; e sob condições sociopolíticas imprevisíveis (MURRAY, 2020, p. 24). Portanto, a busca incessante por conhecer o inimigo – muitas vezes embrenhado em meio à população civil³ – é uma necessidade indiscutível para que sejam definidas as capacidades desejáveis em batalha ao longo de todo o espectro de conflituosidade.

Com o fim de dar notícia acerca das características do combate pós-moderno aqui consideradas, inicialmente merece referência o apontamento de alguns estudiosos para quemos embates daqui por diante tendem a ser protagonizados por forças combinadas, em ambientes densamente povoados e de forma permanente (SMITH, 2011, p. 235) – envolvendo, portanto, a guerra híbrida.⁴A razão para que pesquisadores civis e militares apontem no sentido da crescente tendência de urbanização das batalhas no século XXI⁵ é

³ Tornando simbiótica a análise das considerações civis e do inimigo no contexto da Atividade de Inteligência Militar.

⁴ O signo “guerra híbrida” remonta aos estudos do General James Mattis e do Tenente-Coronel Frank Hoffman, ambos oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (MATTIS; HOFFMAN, 2005). A teoria dos autores era uma evolução da expressão cunhada em 1999 pelo também General dos Marines Charles C. Krulak. O oficial havia definido o estado d’arte da guerra como “a guerra de três quarteiros” a ser enfrentada pelo “soldado estratégico” (KRULAK, 1999), tudo com o fim de estabelecer substantivamente a multiplicidade de desafios enfrentados pelas forças armadas a partir do aumento da ocorrência de eventos classificáveis em todo o espectro conflituoso e em um mesmo ambiente operacional. Múltiplas dimensões de enfrentamento cinético e não-cinético são a sua principal característica e o seu principal desafio.

⁵ Dados apontam quatro megatendências para o futuro: crescimento populacional, urbanização acelerada, assentamento perto do litoral e conectividade crescente (KILCULLEN, 2013, p. 25-27). Seja a guerra um fenômeno social permanente de caráter estatisticamente

² Dentre outros países, o Brasil ocupa a posição de *Major non-Nato Ally* (Grande Aliado Extra OTAN) o que credibiliza o país como um parceiro militar preferencial da grande aliança militar ocidental encabeçada pelos EUA. Importa referenciar também que essa aproximação estratégica decorre da Doutrina Monroe (RENEHAN JR., 2007, p. 106-107), elemento fundacional da concepção política externa dos EUA a validar a importância diplomática das Américas sob o prisma da super potência ocidental.



claro: na guerra pós-moderna os aglomerados urbanos são o ambiente operacional em que a maior parte dos centros de gravidade (CG) das forças beligerantes se encontram.

Essa tendência urbana para o conflito é reforçada e se comunica com outro elemento característico da guerra contemporânea,⁶ qual seja, a predileção do manejo de táticas e estratégias híbridase/ou irregulares no seio das grandes populações (BID-DLE, 2021, p.v.). Desta feita, com a guerra relevando a sua probabilidade urbanizada e híbrida uma série de consequências para o emprego de tropas militares não de ser consideradas pela Inteligência Militar no desempenho das suas funções precípuas.

A primeira delas reside no desafio de garantir a proteção da tropa e da imagem das forças envolvidas no embate nos termos até aqui propostos. Os centros de gravidades em operações voltadas para o enfrentamento de ameaças híbridas são de difícil definição e atingimento, especialmente quando a ação tática requer que a luta se dê entre as populações locais (LIND; THIELE, 2015, p.v.). Isso vai requerer da Inteligência Militar um significativo esforço de compreensão acerca do teatro de operações como um todo.

Outro aspecto relevante diz respeito à ruptura com a concepção binária entre convencionalidade e não-convencionalidade. A referidas dicotomiasse afasta da realidade que encontra lugar na emaranhada rede de sistemas sociais calcados na compressão espacial de uma grande densidade demográfica em um terreno de pequenas

proporções como é uma cidade (KILCULLEN, 2013, p. 17). Os grupos lá existentes – regulares ou não – cooperam, competem e se enfrentam na busca pelo predomínio de territórios e populações (KILCULLEN, 2013, p. 17) e essa difícil leitura de cenários tem implicações diretas – e perigosas⁷ – para a tropa no terreno. A leitura dessa dimensão humana do terreno ratifica a importância da F Cmb Intlg e, assim, finaliza o estabelecimento das premissas elementares da análise ora sintetizada.

3. DA FUNÇÃO DE COMBATE INTELIGÊNCIA (F CMB INTLG) EM OPERAÇÕES COMBINADAS BRASIL-EUA

Com a clara identificação de elementos beligerantes no campo de batalha ganhando nuances de difícil detecção somada a todas outras características inerentes ao conflito pós-moderno, exsurtem como cernes para a Atividade de Inteligência na consecução da almejada consciência situacional dos comandantes dois aspectos apontados por Hoffman (2009, p. 38): (1) Afinal, qual é o centro de gravidade do inimigo? (2) As linhas de ação normalmente adotadas antes da disseminação do hibridismo facilitado pela conjuntura atual ainda são válidas?

A resposta para a segunda pergunta parece ser auto evidente. Em perspectiva tática, o ambiente urbano facilita a explo-

endêmico a ponto de atingir mais de 95% das sociedades humanas através da pré-história e da história (KEELEY, 1996), seja ela a continuação da política por outros meios (CLAUSEWITZ, 2010), é natural que vá ocorrer prioritariamente no local em que estão concentradas as pessoas (KILCULLEN, 2013, p. 28) e, por tanto, a preocupação com a guerra urbana ganha em importância.

⁶ O ambiente urbano é pródigo em oferecer oportunidades para o manejo do hibridismo (FRIDMAN, 2018) a esmaecer a fronteira entre a caótica desordem e a ordenada paz.

⁷ O perigo decorre da tendência histórica apontada por Hoffman (2009). Segundo o autor, na fração irregular das ações beligerantes há um constante incremento na letalidade e capacidade operacional de grupos organizados a partir ou não de incentivos estatais (HOFFMAN, 2009, p. 37-38). Na mesma medida, a história revela existir uma tendência de que os próprios Estados passassem a se valer de modos não ortodoxos de combate (HOFFMAN, 2009, p. 38) no seu catálogo de possíveis linhas de ação. O risco dessa letalidade crescente vai ser maximizado pelas características táticas e pela conformação do terreno. Na guerra híbrida há o somatório de forças convencionais – capazes de impingir grandes perdas ao atacante em um espaço tempo definido – com outras forças não-convencionais – capazes de multiplicar as frentes de ataque por meio de táticas de guerrilha (MURRAY; MANROOR, 2020, p. 315).



ração da dimensão informacional na geração da ruptura da ordem política e limita as possibilidades táticas a serem adotadas na contra-insurgência (KILCULLEN, 2012, p. 140). O tempo é outrofator crucial no sucesso das ações de estabilização que busquem o arrefecimento do ânimo beligerante da força oponente. Isso acaba por impor uma crescente dificuldade para o processamento de dados em quantidade e velocidade cada vez maior.

É por tal razão que o estabelecimento de uma compreensão a respeito das características culturais, das estruturas sociais e da mentalidade de uma população requerem o processamento contínuo de dados acerca do chamado terreno humano.⁸ Considerações civis e inimigo enquanto tópicos analíticos se comunicam e a F Cmb Intlg evoluiu para tornar cada vez mais robusta a sua análise.

⁸ O terreno humano consiste na totalidade espectro cultural e social do AmbOp considerado (FINNEY, 2008, p. 19).

Foi por isso que o Exército Brasileiro estabeleceu um bom rol de Necessidades de Inteligência (NI) para a instrumentalização do Plano de Obtenção de Conhecimentos (POC) (BRASIL, 2016, p. 2-16 – 2-18) no que diz respeito às considerações civis. A saber, são elas: (1) área de responsabilidade sobre o ponto de vista humano; (2) estruturas; (3) capacidades; (4) organizações; (5) população; (6) refugiados e deslocados; (7) eventos; (8) considerações complementares – idioma(s), refugiados, deslocados e relevância dos meios de comunicação para a população (BRASIL, 2016, p. 2-13 – 2-14).

Tudo irá viabilizar a confecção do Caderno de Trabalho da 2ª Seção que deverá registrar assuntos de interesse por ocasião dos esforços realizados pela Célula de Inteligência (Cel Intlg) contendo, no que aqui importa, um rol de Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) em que a análise das considerações civis e do inimigo se comunicam conforme se vê:

Quadro 01 – Caderno de Trabalho da 2ª Seção vs. EEI frente às ameaças híbridas

CADERNO DE TRABALHO DA 2ª SEÇÃO	EEI PARA CONSIDERAÇÕES CIVIS / INIMIGO EM FACE DE AMEAÇAS HÍBRIDAS
Atividades Importantes e Atuais	(1) Intlg. (2) Comunicação social. (3) Assuntos civis. (4) Atividades guerrilheiras.
Ambiente Operacional	(1) Outras características (expressões do Poder Nacional como política, psicossocial, econômica e científico-tecnológica).
Contra-inteligência	(1) Espionagem. (2) Sabotagem. (3) Terrorismo. (4) Propaganda. (5) Desinformação.
Outros assuntos	(1) Moral. (2) Atividades políticas. (3) Atividades irregulares.

Fonte: Brasil (2016, p. 2-19 – 2-21), adaptado pelo autor.



Não obstante exista a preocupação com o tema, da brevíssima apreciação metodológica em relação às considerações civis e ao inimigo no contexto até aqui proposto pode-se afirmar em conclusão parcial que o PITCIC requer algum grau de aprofundamento. A definição de mecanismos analíticos próprios para o estabelecimento de uma compreensão das dinâmicas culturais, sociais, políticas e ideológicas existentes no Amb Op demanda mais que a acelerada definição probabilística das linhas de ação das forças oponentes.⁹ Primeiro, pois, é necessário conhecê-las para que a definição das probabilidades recém mencionada seja, então, mais precisa a partir da ideação das inferências consequenciais entre os elementos não-cinéticos e cinéticos ocorrentes no Amb Op.

Em comparação ao PITCIC, os produtos do IPB na geração de consciência situacional sobre as dimensões sobrepostas no Amb Op são doutrinariamente mais esmiuçados, denotando a grande capacidade de processamento de dados da Inteligência Militar americana a partir de extensas listas de checagem (EUA, 2014; 2016a; 2019). Na confecção do IPB, chega-se ao estado d'arte quando é desenvolvido um modelo gráfico de análise das interações sistêmicas existentes no Amb Op. Sistemas e subsistemas políticos, militares, econômicos, sociais, informacionais e infraestruturas são considerados em perspectiva fenomenológica a fim de auxiliar na visualização de forças, fraquezas, pontos focais, centros de gravidade e outros fatores que afetam o desenvolvimento de linhas de ação das forças beligerantes (EUA, 2014, III-33)¹⁰.

⁹ A determinação das possíveis linhas de ação da ameaça, quarta fase do PITCIC (BRASIL, 2016, p. 5-2), compreende uma das suas finalidades primordiais.

¹⁰ O desafio da seleção de alvos na guerra pós-moderna, por exemplo, decorre da necessidade de compreensão da interconexão entre objetivos a serem atingidos por meios cinéticos e não-cinéticos. A ação

Para a doutrina americana, a definição do status de ameaças organizadas em rede pressupõe a compreensão das relações interpessoais que a compõem. Redes aliadas, neutras ou hostis requerem medidas específicas e a inteligência possui um papel fundamental no diagnóstico das realidades tangível e intangível do Amb Op.

A dimensão organizacional da F Cmb Intlg também não passa despercebida do contexto doutrinário americano. Para o enfrentamento de oponentes híbridos, a Inteligência Militar americana tem diretriz a fusão entre os eixos operações-inteligência a partir de uma arquitetura organizacional que viabiliza a disseminação de conhecimentos em um ciclo no qual toda operação gera Inteligência e a Inteligência ajuda na condução da próxima operação (EUA, 2021, III-15).

Esse desenho doutrinário encontra similitude nos manuais brasileiros. Recentemente, o Caderno de Instrução Táticas, Técnicas e Procedimentos da Tropa como Sensor de Inteligência (BRASIL, 2021) adequou as normativas doutrinárias do Exército Brasileiro para que a arquitetura da F Cmb Intlg se iguale à boa prática americana (EUA, 2016b).

Com a elevada complexidade e demanda analítica decorrente das Necessidades de Inteligência a informar o IPB, os EUA chegaram a adotar o já descontinuado *Human Terrain System* (HTS).¹¹ Não obs-

irregular de ameaças híbridas tem como foco principal de esforço a dimensão informacional a ser suplementada pela ação física (DUCHEINE, 2016, p. 201-203). A seleção de alvos não-cinéticos destinados a ter efeitos nos domínios físico e não-físico é uma quebra de paradigma após um longo lapso temporal de prevalência da ação cinética no pensamento, doutrina e ação militares (DUCHEINE, 2016, p. 203).

¹¹ A descontinuidade do programa não teve correlação com os seus efeitos no estabelecimento da consciência situacional dos comandantes. Na realidade, o HTS foi finalizado por questões atinentes à sua gestão orçamentária. O processo decisório que culminou com o fim da destinação de verbas para o HTS tem condicionantes informacionais que foram capazes de influenciar a política doméstica americana (PRINCE, 2017). Para aprofundamento no tema, vide: MACFATE; LAURENCE, 2015.



tante o HTS não fosse parte integrante do IPB, com este muito se assemelhava (FINNEY, 2008, p. 24) e, por certo, a sua extinção denota uma sensível diminuição da capacidade analítica da Força.

Isso se agrava na medida em que estudiosos como Peters apontam que os analistas de Inteligência americanos têm predileção por estabelecer as linhas de ação do inimigo a partir das suas capacidades materiais (PETERS, 2001, p. 144). Conforme o autor, tal viés cognitivo se mostrou inadequado tanto no Iraque quanto seria em Pequim (PETERS, 2001, p. 144). A percepção trazida a respeito da equivocada descontinuação do projeto é ratificada pela própria doutrina militar dos EUA.

No ambiente híbrido os recursos especializados da Inteligência precisam atuar na ponta da linha para viabilizar a rápida análise do Amb Op a fim de assessorar o ciclo decisório com mais velocidade do que a ocorrência do ciclo operacional da força oponente (EUA, 2021, III-30). E, assim, sem o HTT, o IPB poderá perder qualidade analítica.

Todo o exposto dá azo à afirmação de que o PITCIC e o IPB são parcialmente compatíveis entre si. O método brasileiro é mais sucinto que o americano o qual, por seu turno, mesmo que mais robusto enfrentou recentes mitigações com prováveis efeitos deletérios na geração de consciência situacional pela Inteligência Militar daquele país. Essa nova conclusão parcial recomenda o prosseguimento da apreciação científica para determinar se o PITCIC e o IPB são mecanismos causais a compor o liame entre a realidade estratégica, operacional e tática postas e a necessidade de geração da efetividade militar.

4. DA ADEQUAÇÃO DOS MÉTODOS FRENTE À EFETIVIDADE MILITAR

Não há outra função a ser almejada por qualquer atividade levada a cabo por

uma força militar que não a efetividade das suas ações a ser analisada a partir de construtiva criticidade. É por isso que a compreensão da adequação entre meios – doutrina – e fins militares pressupõe a verificação do atingimento teleológico daquilo que é feito na preparação e na condução da guerra.

Resulta claro da construção recém trazida que a Inteligência exerce um papel fulcral no atingimento da integridade, responsividade, habilidade e qualidade de uma dada força militar.¹² Tais elementos teóricos advindos dos esforços acadêmicos de Brooks e Stanley (2007) com o fim de definir o que é a efetividade militar devem compor o norte da F Cmb Intlg. Os constrangimentos constantes nas variáveis independentes ambientais, desde o plano estratégico até o tático, precisam ser compreendidos, monitorados e influenciados com o fim de permitir a adaptação das forças militares ao que for requerer o combate.

Os pontos mais críticos na seara do que aqui se está verificando são a responsividade e a habilidade. A evolução metamórfica das relações sociopolíticas no contexto conflituoso possui interconexão clara com a efetividade militar de uma Força multinacional. Se o compartilhamento de conhecimentos de Inteligência entre os países aliados é fundamental para a responsividade em operações combinadas (GRIECO, 2016, 91),¹³ tão ou mais fundamental é que o mé-

¹² Por integração deve-se entender a consistência interna das ações militares; já a responsividade corresponde a capacidade de adequar a força militar às demandas que lhe são impostas; a habilidade, por sua vez, diz respeito a necessidade de manutenção do aprestamento operacional; finalmente, por qualidade as autoras entendem ser a adequação material de uma dada força para com as missões que precisa executar (BROOKS; STANLEY, 2007, p. 10-14).

¹³ Durante a Guerra Fria, a superioridade da inteligência americana insulou o país até que a dura realidade do combate de contra-insurgência no Iraque requisitasse a reafirmação das operações combinadas como elemento de fundamental importância na condução da guerra (MANSOOR; MURRAY, 2016, p. 2).



todo que levou a sua produção seja também compatível colocando a habilidade analítica em par de igualdade.¹⁴

O exposto nos permite aduzir uma primeira conclusão parcial: há alguma distância metodológica entre o PITCIC e o IPB, sendo o segundo mais esmiuçado que o primeiro.¹⁵ Em que pese isso não represente um problema *prima facie*, por certo, na imaginada combinação de forças militares entre Brasil e EUA – ou mesmo antes dela – a tarefa dos analistas brasileiros requereria um aprimoramento procedimental com a aproximação emulativa da capacidade doutrinariamente expressada pelas Forças Armadas americanas.

Independentemente da necessidade de aproximação doutrinária, há de se afirmar que a capacidade do PITCIC e do IPB atinjam a sua plenitude funcional no contexto aqui abordado também requer algumas adequações. Idealmente antes do surgimento da necessidade de uma Operação Combinada, a ampliação da capacidade de análise brasileira e americana é uma demanda a ser considerada no planejamento e estabelecimento das respectivas doutrinas, programas e projetos institucionais na área da Inteligência Militar. Os elementos componentes da efetividade militar, frise-se, assim recomendam.

¹⁴ Exemplo histórico trazido pela literatura é a interação entre britânicos e franceses por ocasião dos primórdios da 1ª Grande Guerra Mundial. O desenvolvimento de métodos compartilhados na disciplina da Inteligência de imagens foi fundamental para extrair o melhor da evolução do domínio aéreo da guerra (FINNEGAN, 2006). Ainda que esforços tenham ocorrido nesse sentido, Finnegan sustenta que as características típicas da Inteligência Militar se impuseram pelo viés da compartimentação para determinar que os sumários diários de Inteligência que tinham como usuários os comandantes britânicos não contemplassem informações sobre as forças aliadas. Em perspectiva crítica, nas palavras do autor, tal diretriz inviabilizou a perfectibilidade da consciência situacional almejada (FINNEGAN, 2006, p. 37-38).

¹⁵ Veja-se, por exemplo, que o IPB do Exército americano contempla uma formatação própria e detalhada das tarefas da F Cmb Intlg em relação ao ciberespaço (EUA, 2019, A-D).

5. CONCLUSÃO

O ambiente político internacional desvela uma prospecção de cenários em que a coalisão de forças entre Brasil e EUA possui significativa propensão à ocorrência. Nesse contexto, as tendências características do combate no século XXI são elementares para definir as necessidades das Forças Armadas dos referidos países cujo alinhamento estratégico é realidade posta, seja pela geopolítica, seja pelo histórico de relações diplomáticas interestatais. A diretriz para atingir o almejado alinhamento entre os aliados há de observar os requisitos elementares da efetividade militar que tem como mecanismo causal a F Cmb Intlg em sua melhor versão.

Considerando tais assertivas, ao longo da investigação científica que ora encontra o seu ápice foram comparados os métodos do PITCIC e o IPB no que diz respeito à análise das considerações civis e do inimigo. Pôde-se verificar que o *framework* americano é mais detalhado que o brasileiro, fato que indica a pertinência da emulação militar da doutrina dos EUA pelo Brasil naquilo que for pertinente e possível.

A medida, para além de garantir uma melhor interoperabilidade das inteligências militares de ambos países em um cenário de coalisão de forças, viabiliza que o Brasil se valha dos avanços percebidos pelos EUA a partir das guerras em que este país esteve envolvido em tempos recentes. Tendo por norte as capacidades das Forças Armadas EUA, a adequação normativa dos manuais da F Cmb Intlg do Exército Brasileiro pode, inclusive, se valer de boas práticas mesmo que já descontinuadas, a exemplo do *Human Terrain System*. Inobstantes críticas que o HTS recebeu em função dos elevados custos e de uma alegada malversação da ciência, certo é que a academia muito tem a contribuir no aprimoramento da expressão militar do poder nacional de qualquer país.



REFERÊNCIAS

1. BIDDLE, Stephen. **Nonstate Warfare: The Military Methods of Guerillas, Warlords, and Militias**. Nova Jersey (EUA): Princeton University Press, 2021.
2. BRASIL, Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de instrução de táticas, técnicas e procedimentos da tropa como sensor de Inteligência**. EB70-CI-11.465. 1. Ed. Brasília, DF: Comando de Operações Terrestres, 2021.
3. BRASIL, Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. EB70-MC-10.307. 1. Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2016.
4. BROOKS, Risa A.; STANLEY, Elisabeth A. **Creating Military Power: The Sources of Military Effectiveness**. Stanford: Stanford University Press, 2007.
5. CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
6. DUCHEINE, Paul A. L. Non-Kinetic Capabilities: Complementing the Kinetic Prevalence to Targeting. In: DUCHEINE, Paul A. L.; SCHMITT, Michael N.; OSINGA, Frans P. B. (Eds.). **Targeting: The Challenges of Modern Warfare**. Haia: Asser Press, 2016.
7. EUA, Departamento de Defesa. Estado-Maior Conjunto. **Countering Threat Networks**. JP 3-25. Washington: Estado-Maior Conjunto, 2016a.
8. EUA, Departamento de Defesa. Estado-Maior Conjunto. **Counterinsurgency**. JP 3-24. Washington: Estado-Maior Conjunto, 2021.
9. EUA, Departamento de Defesa. Estado-Maior Conjunto. **Joint Intelligence Preparation of the Operational Environment**. JP 2-01.3. Washington: Estado-Maior Conjunto, 2014.
10. EUA, Exército dos Estados Unidos da América. Quartel-General. **Intelligence Preparation of the Battlefield**. ATP 2-01.3. Washington: Quartel-General do Exército, 2019.
11. EUA, Exército dos Estados Unidos da América. Quartel-General. **Techniques for Information Collection During Operations Among Populations**. ATP 3-55.4. Washington: Quartel-General do Exército, 2016b.
12. FINNEY, Nathan. **Human Terrain Team Handbook**. Fort Leavenworth (EUA): Human Terrain System, 2008.
13. GAT, Azar. **War in Human Civilization**. Nova York: Oxford University Press, 2006.
14. GRIECO, Kelly Ann. **War by Coalition: The Effects of Coalition Military Institutionalization on Coalition Battlefield Effectiveness**. 2016. p. 381 Tese (Doutorado em Ciência Política) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge (EUA), 2016.
15. HOFFMAN, Frank C. Hybrid Warfare and Challenges. In: **National University Press, Joint Force Quarterly**, Vol. 52, primeiro trimestre de 2009, p. 34-39.
16. KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
17. KEELEY, Lawrence H. **War Before Civilization: The Myth of the Peaceful Savage**. Nova York: Oxford University Press, 1996.
18. LIND, William Sir; THIELE, Gregory A. **4th Generation Warfare Handbook**. Kouvola (Finlândia): Castalia House, 2015.
19. KILCULLEN, David. **Counterinsurgency: The state of a controversial art**. In: RICH, Paul B.; DUYVESTYEN, Isabelle. (Eds.) **The Routledge Handbook of Insurgency and Counterinsurgency**. Nova York: Routledge, 2012.
20. KILCULLEN, David. **Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban**



- Guerilla. Nova York: Oxford University Press, 2013.
21. KRULAK, Charles C. **The Strategic Corporal: Leadership in Three Block War.** In: Marines Magazine, jan-1999. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA399413.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.
 22. MANSOOR, Peter R.; MURRAY, Williamson. (Eds.) **Grand Strategy and Military Alliances.** Cambridge (Grã-Bretanha): Cambridge University Press, 2016.
 23. MATTIS, James N.; HOFFMAN, Frank. **Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars.** Ensaio. US Naval Institute Magazine (Maryland, EUA), vol. 132, n. 11, nov-2005. Disponível em: <https://www.usni.org/magazines/proceedings/2005/november/future-warfare-rise-hybrid-wars>. Acesso em: 21 fev. 2022.
 24. MEIRA MATTOS, Carlos de. **Geopolítica.** Vol. 1. Rio de Janeiro: FGV Editora e Biblioteca do Exército, 2011a.
 25. MEIRA MATTOS, Carlos de. **Geopolítica.** Vol. 3. Rio de Janeiro: FGV Editora e Biblioteca do Exército, 2011b.
 26. MURRAY, Williamson. **A necessidade de adaptação ao combate.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2020.
 27. Mechanicsburg (EUA): Stackpole Books, 2001.
 28. RENEHAN JR., Edward J. **The Monroe Doctrine: The Cornerstone of America Foreign Policy.** Nova York: Chelsea House, 2007.
 29. SMITH, Rupert. Epilogue. In: OLSEN, John Andreas; VAN CREVELD, Martin. **The Evolution of Operational Art: From Napoleon to the Present.** Nova York: Oxford University Press, 2011.